



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE HISTÓRIA**

O FILME “AS BRUXAS DE SALÉM” (1996) COMO FONTE HISTÓRICA

GISELDA MOREIRA SAAVEDRA LEMOS

ORIENTADOR: PROF.DR. BRUNO TADEU SALLES

**PIRES DO RIO-GO
2016**

GISELDA MOREIRA SAAVEDRA LEMOS

O FILME “AS BRUXAS DE SALÉM” (1996) COMO FONTE HISTÓRICA

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles.

PIRES DO RIO-GO
2016

GISELDA MOREIRA SAAVEDRA LEMOS

O FILME “AS BRUXAS DE SALÉM” (1996) COMO FONTE HISTÓRICA

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia submetida à Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Bruno Tadeu Salles (Orientador)
UFOP

Prof^a Ms. Roberta do Carmo Ribeiro (Examinadora)
UEG/Câmpus Pires do Rio

Prof^a Dr^a Marilena Julimar Fernandes (Examinadora)
UEG/Câmpus Pires do Rio

PIRES DO RIO-GO
2016

Aos meus filhos, ao meu esposo e à minha mãe: por todo o amor, carinho e dedicação, que sempre tiveram por mim, no decorrer dessa jornada.

AGRADECIMENTO

Nesses quatro anos de faculdade, expresso toda a minha dedicação de um sonho conquistado de ter um curso superior. Como pessoa, na formação acadêmica, em que o curso de História me proporcionou, tanto na aprendizagem e no meu crescimento, sabendo das minhas limitações e dificuldades como ser humano, sem dúvida nenhuma, Deus me deu forças e coragem nessa longa jornada da minha vida.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus sobre todas as coisas, de conduzir esse tempo precioso ao meu lado dando forças nos momentos difíceis que encontrei nessa caminhada, me guiando e regozijando na profundidade da tua presença, através de um vento de uma brisa suave que alegre e refresca o meu coração nos dias que encontrei-me desanimada e cansada, que renovaste as minhas forças, aqui expresso toda a minha gratidão.

De forma especial, agradeço ao orientador Professor Dr. Bruno Tadeu Salles na sua simplicidade e transparência como pessoa e profissional de uma competência magnífica ao encantar tantos acadêmicos e orientandos, do privilégio de tê-lo como professor e orientador nessa caminhada na faculdade. Da disponibilidade que proporcionou nesse percurso da realização da pesquisa e da credibilidade que depositou na minha pessoa, sabendo das minhas limitações.

À minha família, a gratidão pelo esforço e apoio, aos meus filhos, Arthur e Davy, a dedicação e amabilidade, principalmente à minha filha Sabrina, amiga e companheira que me ajudou na conquista desse sonho.

Ao meu amado companheiro, Claudilídio que sempre apoiou-me, dando-me forças nos momentos difíceis, dedicação e paciência, carinho e amor, incentivo naqueles dias exaustivos e cansativos, quando tudo parecia que não daria certo, ele deu-me ânimo e incentivo.

Aos professores da graduação do curso de História, que possibilitaram o conhecimento dos saberes históricos, desde o primeiro ano de faculdade até o quarto ano, professores que fizeram-nos crescer, na formação do curso como futuro professor de História.

Agradeço aos professores dessa Banca Examinadora, Dr^a Marilena Julimar Fernandes e Ms. Roberta do Carmo Ribeiro, pela paciência da leitura deste trabalho e das críticas construtivas da qualificação da banca, que possibilitaram o desenvolvimento das ideias para a melhoria do presente trabalho.

Agradeço à todos que de certa forma, direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação acadêmica.

O historiador é como o ogro da lenda.
Onde fareja carne humana sabe que ali está a sua caça.

Marc Bloch (2001)

RESUMO

O filme *As Bruxas de Salém* (*The Crucible*) é uma produção norte-americana, de 1996, cuja classificação, quanto ao gênero, é o drama. O longa-metragem retrata um fato ocorrido na América do Norte, no final do século XVII, no ano de em 1692, no decorrer da Idade Moderna, quando aconteceu a última caçada às bruxas, que apontou a presença de bruxaria na cidade de Salém (uma pequena vila de Massachusetts – atual EUA). Esse filme será usado como fonte para nosso estudo, pois retrata um fato ocorrido em 1692: a última caçada às Bruxas. Nesse sentido, a problemática proposta será compreender como as bruxas são representadas a partir do filme. A metodologia para a análise fílmica será desenvolvida a partir das teorias de Rosenstone (2015), Ferro (2010), Kornis (1992), Nova (2000), Vanoye (1994), que possibilitarão uma discussão que apontará como o Cinema pode ser usado como fonte Histórica. O trabalho está organizado em dois capítulos: o primeiro, “História e Cinema” trará de uma discussão metodológica, dividida em dois tópicos – “O diálogo entre História e Cinema” e “A importância dos filmes na história”. O segundo capítulo, “*As Bruxas de Salém (1996)*” será dividido em três tópicos: “As Bruxas de Salém e o Ritual da Bruxaria”, “O julgamento no filme *As Bruxas de Salém (1996)*” e a “Bruxaria na Idade Moderna”.

Palavras Chave: Filme; *As Bruxas de Salém*; Cinematográfico; História.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 HISTÓRIA E CINEMA.....	12
1.1 O diálogo entre História e Cinema.....	12
1.2 A importância dos filmes na História.....	16
2 AS BRUXAS DE SALÉM (1996).....	19
2.1 As Bruxas de Salém e o Ritual da Bruxaria.....	21
2.2 O Julgamento no filme As Bruxas de Salém (1996).....	24
2.3 Bruxaria na Idade Moderna.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
LISTA DE FONTE.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Os objetivos propostos para o trabalho serão: compreender como as bruxas são representadas no filme *As Bruxas de Salém (1996)*; verificar como o cinema vem despertando novos olhares para a pesquisa científica e, para tal, faremos uma reflexão sobre a relação entre História e Cinema. O filme escolhido como fonte se propõe a retratar fatos ocorridos na América do Norte, no final do século XVII, ou seja, a última caçada às bruxas, na cidade de Salém, uma pequena vila de Massachusetts (atual EUA), numa manhã de 1692. O filme “As Bruxas de Salem” (*The Crucible*) foi produzido em 1996, pertence ao gênero o drama e foi dirigido por Nicholas Hytner, baseado na peça de Arthur Miller (que também escreveu o roteiro do filme).

Nesse aspecto, a problemática proposta será verificar como as bruxas são representadas a partir do filme *As Bruxas de Salém (1996)*. O interesse pelo tema deu-se pela curiosidade em pensar como as bruxas são representadas no filme, visto que são comumente retratadas como feias e más, sendo ridicularizadas e constituídas como figuras demoníacas.

No filme, ocorre o julgamento de mulheres e os homens – tratados como bruxas, no Tribunal da Inquisição – que são acusados de bruxaria, na cidade de Salém. As pessoas consideradas como bruxas eram acusadas de ter pacto com demônios e receber visitas frequentes destas figuras demoníacas. As mulheres – como Tituba, Sarah Osbone e Sarah Good – foram acusadas de bruxaria, por um grupo de jovens histéricas, que se dizia vítima da bruxaria praticada por elas. Durante os julgamentos, homens e mulheres eram torturados e coagidos para confessar crimes que não haviam cometido, uma vez que eram considerados como bruxas e bruxos. As mulheres eram acusadas de praticar bruxaria ou magia negra, mesmo sem que as praticassem e, em seguida, eram perseguidas, caçadas, presas, torturadas e levadas à forca, como forma de castigo e purificação.

Então, o cinema, que é tido como a sétima arte do mundo, encanta gerações e cria filmes que podem causar diversas sensações, entre elas alegria, pânico, tristeza, dor, satisfação, medo, prazer, repúdio, assim como a curiosidade. Essas sensações nos levam a vários questionamentos e indagações acerca da humanidade, dos grupos sociais e do comportamento humano. Dessa forma, Marc Ferro (2010) enfatiza a importância do cinema:

Entre Cinema e História: as interferências são múltiplas, na confluência entre a História que se faz e a História compreendida de nosso tempo, como relação de nosso tempo, e como explicação das sociedades aos pontos que intervêm o cinema. De que a imagem com muita frequência dá mais informações sobre aqueles que a recolhe e a difunde do que ela representa. No segundo aspecto: a dificuldade é que as atualidades cinematográficas e as imagens não dizem tudo, naturalmente. (FERRO, 2010, p.99)

O Cinema vem evidenciando uma representação do passado, através de relatos de acontecimentos Históricos. Dessa forma, os filmes Históricos podem nos levar a compreender o presente, tornando-se uma riquíssima e importante fonte cinematográfica para os estudos em História. O filme Histórico contribui para a relação entre Cinema e História, pois o cinema conta a história do passado relacionando-a com o presente. A relação entre o Cinema e a História permitem a visualização de imagens que representam fatos passados.

As imagens do cinema expressam, de várias formas e modos, a realidade. Essas representações estão escondidas, minuciosamente, atrás das câmeras e dos efeitos cinematográficos na produção do filme, portanto, quando bem observada, a imagem pode dar várias informações ao historiador. Nesse aspecto, Ferro (2010) afirma que:

As imagens fornecem uma espécie de energia de informação, que convém domar como se faz com o animal. É preciso partir das imagens, partir do que é dito, daquilo que parece inacreditável. Além da realidade representada, eles permitiram atingir, de cada vez, uma zona da história até então ocultada, inapreensível, não visível. É preciso, portanto, partir de uma imagem a fim de sustentar credibilidade teórica de um propósito histórico. (FERRO, 2010, p.99)

Portanto, Ferro (2010) nos mostra que o cinema entrelaça-se com a História, ou seja, “entendendo-se que o objeto da História não é apenas o conhecimento dos fenômenos passados, mas igualmente a análise dos elos que unem passado ao presente” (FERRO, 2010, p.181). O filme histórico possibilitou, para a História, vislumbrar, de novas maneiras, imagens do passado, abrindo uma janela para uma nova percepção do presente.

Nesse sentido, as imagens refletem o modo de pensar de uma determinada sociedade, que são fruto das transformações do pensamento. As imagens refletidas no filme constroem, no indivíduo, uma identificação diante da sociedade; reconstruindo e construindo o passado dentro do filme, que representa o pensamento e a mentalidade daquela sociedade.

Partindo deste pressuposto, o Historiador deve buscar, no filme, a forma de construção da representação da realidade retratada. De acordo com Ferro (2010), consideramos que, a partir do surgimento do cinema, “o historiador escolheu esse ou aquele

conjunto de fontes, adotou esse ou aquele método de acordo com a natureza de sua missão, de sua época, trocando-os como uma combatente troca de arma ou de tática” (FERRO, 2010, p.27). A Nova História trouxe uma contribuição maior para os Historiadores na diversificação das fontes a serem trabalhadas. A História que não está ligada apenas aos documentos escritos, mas também, as fontes cinematográficas.

O filme *As Bruxas de Salém* (1996) nos trará uma percepção sobre a representação de uma realidade, no sentido de compreender como as bruxas são representadas. Assim, o filme traz informações fundamentais para que a sociedade possa pensar o fenômeno da feitiçaria e magia das bruxas e a representação de homens e mulheres na bruxaria. Portanto, o cinema, ao tratar desse assunto, desperta, no pesquisador, o desejo de estudar uma relação do passado com o presente.

Pensando nisso, no primeiro capítulo, será abordada a relação entre História e Cinema, visto que o filme histórico é uma ferramenta para discutir acontecimentos históricos. Portanto, História e Cinema estão intercambiados, possibilitando o conhecimento de aspectos sociais, assim, a metodologia da pesquisa será voltada para essa discussão. No segundo capítulo, analisar-se-á o filme “As Bruxas de Salém” (1996), que retrata, de maneira fictícia, um acontecimento de 1692, no período da Idade Moderna, no final século XVII, na América do Norte (atual EUA), em Salém.

1 HISTÓRIA E CINEMA

Neste capítulo, discutiremos a proximidade se pode estabelecer entre História e Cinema, por meio de aspectos metodológicos, em que ressaltaremos a importância dos filmes Históricos para a representação do passado.

1.1 O diálogo entre História e Cinema

A arte cinematográfica surgiu a partir do século XIX, inventada pelos Irmãos Lumière Louis e Auguste, que realizaram as primeiras exposições de filmes curtos na cidade de Paris, com equipamento cinematográfico. Segundo Rosenstone (2015), o cinema significou “ter uma máquina que nos permite ver os efeitos dos nossos antepassados e os principais acontecimentos que moldaram o nosso mundo” (ROSENSTONE, 2015, p.27). Então, essa máquina possibilitou aos nossos olhos vibrarem com os efeitos das imagens em movimento, que proporcionam a produção de filmes Históricos, possibilitando ver os acontecimentos do passado nas telas do cinema.

Os filmes históricos passaram a ser utilizados nas pesquisas, pelos historiadores, como fonte histórica, ampliando o leque de fontes utilizadas nas pesquisas. Houve uma grande renovação no campo da história, a partir da década de 1970, que possibilitou que o filme fosse tomado como fonte para pesquisa, ampliando a diversidade de investigação para a história. Nesse sentido, Konis (1992) afirma que:

Por outro lado, o debate que teve lugar no campo de reflexão da história ao longo das décadas de 1960 e 1970 destacou a importância da diversificação das fontes a serem utilizadas na pesquisa. O movimento de renovação da historiografia francesa denominada “Nova História” teve como uma de suas mais importantes características a identificação de novos objetos e novos métodos, contribuindo para uma ampliação quantitativa e qualidade dos domínios já tradicionais da história. (KONIS, 1992, p.02)

A Nova História possibilita a ampliação das fontes históricas utilizadas para as pesquisas. Nesse sentido, o trabalho com o cinema, com o novo campo de estudos aberto pela Escola dos Annales, no final da década de 1929, torna-se produtivo para os historiadores. A partir da Nova Escola, uma grande diversidade de fontes históricas passa a ser trabalhada pelos historiadores, que não se ocupam mais apenas dos feitos dos grandes homens, pois esses

não foram os únicos protagonistas da história. Nesse sentido, a história contada no cinema pode ser tomada como fonte, uma vez que é uma representação transmitida ao espectador, encenada para as câmeras, já que o filme é destinado ao público e à indústria cinematográfica.

A partir da Nova História, o ofício do historiador se aperfeiçoou e foi necessário buscar novas fontes para o questionamento e interpretação do passado e do presente, nesse sentido, o cinema vem despertando olhares e o interesse dos pesquisadores. Dessa forma, a relação entre cinema e História, para o historiador Marc Ferro (2010), seria a busca de dois eixos na leitura: a leitura histórica do filme e a leitura cinematográfica da História. O filme histórico se relaciona com a História, pois representa o passado de uma forma convincente, lógica e ficcional, além disso, o cinema tem uma narrativa de reconstituição do que é retratado na História.

Cinema e História entrelaçam-se e, nesse aspecto, o cinema se mostra como a arte de contar história do passado. A História é constituída pela transformação da sociedade sobre a ação do homem, no seu tempo, proporcionando, ao historiador, a análise dos fatos e acontecimentos no passado. Nesse aspecto, Ferro (2010) faz uma reflexão sobre a relação entre cinema e História, enfatizando que:

Entre Cinema e História, as interferências são múltiplas, por exemplo: na confluência entre a História que se faz e a História compreendida como relação de nosso tempo, e como explicação das sociedades aos pontos que intervêm o cinema. (FERRO, 2010, p.15)

O cinema tornou-se uma das artes que podem intervir como agentes da História, de múltiplas formas. O historiador buscaria elementos, através de uma ficção ou não, sobre a representação de uma sociedade, em certo período, no cinema. O passado é diferente do presente, contudo, quando é retratado no cinema, com a função cultural que identifica os costumes, as crenças e a moral de uma sociedade em determinada época, pode aproximar-se do presente.

De acordo com Ferro (2010), a intervenção do cinema trouxe certo número de modos de ação que tornam o filme uma fonte eficaz para o historiador, ou seja:

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo o filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados... (FERRO, 2010, p.19)

O autor que produz e realiza o filme tem como objetivo alcançar o espectador, pois filme é, muitas vezes, criado para um determinado público, para aguçar sua imaginação, recriando acontecimentos históricos. A realização do filme histórico é do presente, pois retrata, no presente, imagens encenadas por atores que representam os personagens, que tentam reconstituir um acontecimento do passado ou um fato histórico. O filme, por mais que procure reconstituir um fato ocorrido no passado, não constrói realmente o que aconteceu. A produção cinematográfica é o lugar dos cenários, dos efeitos visuais e iluminação, das imagens em movimento, em que várias pessoas participam da produção: os roteiristas, os atores e os diretores, entre outros.

Em se tratando de cinema, Bauer e Gaskell (2008) falam que é preciso uma análise aprofundada dos filmes, pois “a dimensão visual implica técnica de manejo de câmera e direção, que são apenas secundariamente texto. Elas produzem sentidos, certamente, mas esses sentidos são gerados por técnicas de especialidade” (BAUER E GASKELL, 2008, p.345). A produção das cenas e a ação dos personagens se baseiam em técnicas e jogos de câmeras. É preciso codificar o ângulo da câmera sobre os efeitos visuais a serem representados, através da iluminação e da música, como um fundo musical que dá mais sentido às cenas. É nesse aspecto que os autores Bauer e Gaskell (2008) afirmam que:

Nunca haverá uma análise não capte uma verdade única do texto. Por exemplo, ao transcrever o material televisivo, devemos tomar decisões sobre como descrever os visuais, se vamos incluir pausas e hesitações na fala, e como descrever os efeitos especiais, tais como músicas ou mudanças na iluminação. (BAUER E GASKELL, 2008, p.344)

Ainda nesse sentido, Ferro (2010) fala que “a dificuldade é que as atualidades cinematográficas e as imagens não dizem tudo, naturalmente” (FERRO, 2010, p.99). Por essa razão, as imagens transmitem várias possibilidades, formas e modos diferentes de expressar ou pensar a realidade representada no filme, a partir da atualidade em que é produzida.

Ferro (2010), ressalta também “que a imagem, com muita frequência, dá mais informações sobre aqueles que a recolhem e a difundem do que ela representa” (FERRO, 2010, p.12). As imagens, no cinema, constituem uma expressão da realidade, por meio da ficção. Essa imensidão de imagens, que é produzida nos estúdios cinematográficos e que é de fácil acesso para o espectador, surge por meio de uma produção bem elaborada.

Os historiadores se colocam em um desafio ao trabalhar com filmes como documentos. Acerca disso, Konis (1992) fala que a sociedade contemporânea está mergulhada

em um universo de imagem e lidar com elas é uma proposta de trabalho inovadora e ousada para o historiador.

Ferro (2010) nos apresenta que “o filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio” (FERRO, 2010, p.31). O filme pode fazer uma representação da organização social, construída no intuito de apreender aspectos sociais e culturais de uma determinada época. O filme constrói uma imagem representativa da sociedade, enquanto o cinema reconstrói um significado social e individual dos padrões de uma época.

Nesse sentido, Rosenstone (2015) afirma que as histórias de alguns filmes não retratam a versão da História oficial contida nos livros, pois “os filmes servem para criar uma reputação para diretores e astros e gerar dinheiro para os produtores. Para eles, a história é apenas mais uma ferramenta para vender ingresso” (ROSENSTONE, 2015, p.15). Nos filmes, a construção do enredo é voltada para a indústria cinematográfica, com o interesse de criar uma visualidade para as imagens que, muitas vezes, passariam despercebidas por um espectador desatento. As cenas são projetadas por tempo de duração, no decorrer das gravações do filme e, posteriormente, são montadas em sequência, criando as imagens em movimento e os efeitos das trilhas sonoras, que fascinam o espectador.

Ferro (2010) observa que os filmes são mais voltados para situações do presente do que do passado. Portanto, o filme é uma representação de imagens, que conseguem articular uma história narrada, representando um efeito de realidade, que possibilita pensar como pode ter ocorrido no passado. A imagem visual aguça a imaginação do espectador, fazendo com que os acontecimentos do passado sejam observados de maneiras diferentes.

Rosenstone (2015) afirma que “os filmes históricos são capazes de representar o passado de uma maneira significativa (embora ficcional)” (ROSENSTONE, 2015, p.191). Embora o filme histórico represente o passado, apontando uma possibilidade de interpretação para os acontecimentos históricos, convém ressaltar que se trata de uma encenação ficcional. Os cineastas, embora não sejam historiadores, recriam os acontecimentos de maneira bastante significativa, construindo o enredo dos filmes a partir de “fatos reais”. Dessa forma, de acordo com Kornis (1992), a maior contribuição teórica de Ferro para a investigação Histórica, foi:

A análise do filme é a possibilidade do historiador buscar o que existe de não visível, uma vez que o filme excede seu próprio conteúdo. Ao considerar esse elemento como uma das particularidades do filme, Ferro reafirma seu pressuposto de que a imagem cinematográfica vai além da ilustração, que ela não é somente confirmação ou negação da informação do documento escrito. O filme revela

aspectos da realidade que ultrapassam o objetivo do realizador, além de, por trás das imagens, estar expressa a ideologia de uma sociedade. (KORNIS, 1992, p.08)

Ainda se referindo a Ferro, Kornis (1992) afirma que quando ele tratou o cinema como novo objeto para a análise histórica, evidenciou algumas particularidades dessa fonte, o que possibilitou que o filme fosse tratado como documento histórico, requisitando a formulação de novas técnicas de análise. Generalizando, pode-se dizer que todo filme é um objeto de análise para o historiador, independentemente de seu aspecto ficcional.

Os efeitos visuais criados pelas imagens em movimento conseguem impactar, criando, no espectador, uma gama de sentimentos e emoções capaz de seduzi-lo, influenciando-o a questionar e repensar acerca dos acontecimentos históricos. Partindo disso, o próximo tópico abordará a importância dos filmes na História, levando em consideração, também, como o filme desperta o espectador.

1.2 A importância dos filmes na História

O filme não é só um produto, mas é um agente da história, um vestígio do passado, um documento histórico construído através das câmeras, pois representa o acontecimento do passado, a partir de personagens que o reconstituem. O impacto que o filme passa aos espectadores vai paralisá-lo ou chocá-lo. Uma cena pode trazer informações e acontecimentos históricos como pano de fundos de momentos de romance, terror, suspense, drama, entre outros; levando o espectador a lidar, sutilmente, com fatos do passado. O filme pode transpassar argumentação, renovando as opiniões em relação aos fatos ocorridos.

Dessa forma, Kornis (1992), afirma que “o filme é um agente da história, e não só um produto. Ferro demonstra como os filmes, através de uma representação, podem servir à doutrinação e à glorificação” (FERRO, apud KORNIS, 1992, p. 08). Acerca disso, Kornis (1992) faz uma observação afirmando que os dirigentes políticos compreenderam a utilidade do cinema como formador de opiniões, colocando-o a seu serviço. O cinema tornou-se um estatuto privilegiado utilizado como instrumento de propaganda e de formação de uma cultura paralela.

Nesse sentido, segundo Kornis (1992), um filme é, para o historiador, um instrumento de análise histórica e a imagem cinematográfica dá um novo tipo de informação, distinta do documento escrito. Ferro (2010) chama esse estudo de contra-história, o que torna possível uma contra-análise da sociedade. Pensando nisso, a autora propõe a abordagem do

filme como um objeto (produto da indústria cinematográfico), com o objetivo de examinar a relação do filme com a sociedade que o produziu e o consome. A sociedade que produziu o filme também o recebe, pensando a relação entre a sociedade e o enredo do filme. Apesar do cinema ter essa autonomia para a produção de efeitos e de sentidos, cabe ao analista observar e interrogar o filme, sabendo que esse representa a sociedade em que se insere, no contexto de sua produção.

Nesse âmbito, Vanoye (1994) ressalta que “o desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante” (VANOYE, 1994, p. 13). A impressão que se tem, a primeira vez que se vê um filme, pode trazer de fato emoções e até intuições para o espectador. Nesse ínterim, para Vanoye (1994) “o filme é, portanto, o ponto de partida e o ponto de chegada da análise” (VANOYE, 1994, p.15). A análise de um filme não segue regras e nem resulta de uma fórmula pronta e acabada, mas deve obedecer a uma dada metodologia, que leve em conta os instrumentos, a matéria que o compõe e seu processo de produção: como o visual (cenários, cores, movimentos, iluminação), o fílmico (montagem das imagens), o sonoro (músicas, ruídos, tons, tonalidade das vozes) e o audiovisual (relações entre imagens e sons).

Vanoye (1994) pensa a análise do cinema como objeto que propicia ao historiador explorar a História, levando em consideração a importância da abordagem das relações entre cinema e história. A análise requer uma divisão e reorganização do filme para desmontá-lo e reconstruí-lo, o que possibilita que seja tomado como objeto para pesquisa histórica. O historiador, quando busca o filme como fonte para o estudo da História, deve pensar o cinema como campo aberto para possíveis interpretações, considerando, também, aquilo que corrobora para a produção do filme. O filme merece uma análise interna, tanto do texto visual como do verbal, quanto do artefato cultural que engaja a sua própria história e do contexto social que a cerca. Segundo Sorlin (*apud* KORNIS, 1992), reside aí a complexidade da análise fílmica para a história, portanto a necessidade de toma-lo como objeto de estudo. Esse autor analisa as particularidades da produção do filme, ressaltando a maneira como é feita a caracterização dos personagens e as técnicas que a produzem sua linguagem. Nesse sentido, Kornis (1992) ressalta a importância da análise do filme enquanto linguagem cinematográfica e o contexto de sua realização.

Para Sorlin (*apud* KORNIS, 1992), “o filme traz uma forma de representação do real” (SORLIN, *apud* KORNIS, 1992, p.11). Nessa perspectiva, o historiador tende a buscar,

no filme, a representação de uma realidade social que emerge através de uma análise crítica da obra cinematográfica, em busca da representação do passado em relação ao presente.

Nesse aspecto, Valim (2012) considera que “os filmes mostram imagens de vidas, de atitudes e de valores de grupos sociais, criados a partir de aspectos reconhecíveis, porém muito selecionados, desses grupos” (VALIM, 2012, p.288). O público tende a interpretar lugares, atitudes e modos de vida, que aparecem por meio da representação dos acontecimentos, que são relatados nos filmes e que o público, muitas vezes, não tem conhecimento prévio. Nesse sentido, Nova (1999) ressalta que:

O passado só pode ser compreendido a partir das mediações que se operam a partir do mundo das representações. O presente é o lugar de onde se representa e conhece o passado. A História atribuía-se, assim, o papel de reconstruir fielmente o passado dos homens, a partir do resgate imparcial dos grandes fatos que marcaram o caminhar da humanidade. (NOVA, 1999, p.142)

A produção do filme, com montagens das imagens ligadas à linguagem verbal, a partir de seus personagens, possibilita uma perspectiva de análise em relação aos materiais fílmicos, isto é, ao material encenado e organizado para uma projeção da sequência fílmica, na produção cinematográfica. Através dessa projeção fílmica, que aborda as peculiaridades, são expostos elementos materiais que representam o passado, no mundo do presente.

O filme histórico situa-se em uma barreira tênue entre cinema e história, em um processo de construção e renovação de acontecimentos, trazendo conhecimento e aprendizagem para a História, enquanto disciplina. “O filme histórico revela muito mais sobre a sociedade contemporânea que o produziu do que sobre o passado nele encenado e representado” (NAPOLITANO, 2013, p.38). O filme tem essa capacidade de representar o passado e, dessa forma, tratar o cinema como fonte para o estudo de História é um desafio para o pesquisador.

Nesse capítulo, ocupamo-nos da discussão entre Cinema e História e das relações existentes entre eles. No próximo capítulo, analisar-se-á o filme *As Bruxas de Salém (1996)* como fonte histórica, já que é essa a proposta da pesquisa.

2 “AS BRUXAS DE SALÉM” (1996)

Neste segundo capítulo, objetivamos analisar o filme *As Bruxas de Salém (1996)*, com a proposta de compreender como as bruxas são representadas no filme. Para tal, discutiremos o filme *As Bruxas de Salém (1996)* como fonte histórica, que relata fatos ocorridos na América do Norte, no final do século XVII, quando aconteceu a última caçada às bruxas, na cidade (Vilarejo) de Salém (uma pequena vila, Colônia, de Massachusetts, atual EUA), numa manhã, de 1692. *As Bruxas de Salém (1996)* é um filme que tem seu enredo baseado em um acontecimento histórico que ocorreu na América do Norte; ao tomá-lo como fonte, faremos uma análise, mais específica, do julgamento das “Bruxas de Salém”, no tribunal da Inquisição.

A sinopse do filme procura despertar, no espectador, a curiosidade para assisti-lo:

Na cidade de Salem, Massachusetts, 1692, algumas jovens da vila se reúnem na floresta para fazerem “feitiços”. Uma delas, como a Abigail Williams (Winona Ryder), tinha se envolvido com John Proctor (Daniel Day-Lewis), um fazendeiro casado, quando trabalhava na sua casa, foi despedida por sua mulher, pois ela suspeitava dos dois de terem algum relacionamento, em que, logo após, pois fim a relação entre Abigail Williams e John Proctor. Nesse sentido, Abigail desejava a morte de Elizabeth Proctor (Joan Allen), que a esposa de John Proctor. Porém, as jovens são descobertas por seu “ritual” e, para as suas justificativas elas explicam que foram possuídas por bruxaria que viviam dentro na comunidade puritana, provocam uma histeria coletiva que atinge várias pessoas, que foram acusadas de bruxaria. Sendo que Abby, a jovem desprezada por John, faz várias acusações até ver Elizabeth ser atingida. O reverendo Samuel Parris (Bruce Davison) e vários outros líderes comunitários começam a caça às bruxas, para purgar a cidade. Logo ninguém estava livre de suspeitas, mas as mulheres do povoado foram a principais acusadas. Entretanto Rebecca não foi à primeira nem seria a última deste tribunal, que agora também condenava homens para serem enforcados, pelo simples fato de terem se oposto aos métodos usados para apurar a verdade¹.

A sinopse do filme é um pequeno resumo, que estimula o espectador a assistir ao filme; com a mesma função, o trailer também tem a capacidade de evidenciar um recorte do filme, com o objetivo de atrair a atenção do espectador.

As trilhas sonoras dos filmes auxiliam na interpretação das cenas, pois as músicas conseguem dar mais emoção e contraste ao filme, funcionando como um efeito eficaz para auxiliar na encenação do enredo. Às vezes, a cena pode até ser romântica, mas a música também pode trazer um contraste de tensão ou nervosismo, em uma situação que o fundo

¹ Sinopse do Filme, AS Bruxas de Salém: Disponível no site < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-14516/201939>> Acesso em: 10 de junho 2016.

musical pode evidenciar suspense. Além disso, Bauer e Gaskell (2008) afirmam que “a projeção do ângulo da filmagem em movimento, em que posicionamento da câmera pode ser interrompimento de uma cena para outra, ao ponto de corte e da montagem modifica as sequências das cenas pelas empresas produtoras cinematográficas” (BAUER E GASKELL 2008, p.349). O filme pode iniciar-se com a cena final ou vice-versa. A cena pode ser interrompida, mudando bruscamente para outra, sem perder o sentido da história contada, por meio das imagens em movimento, em que a câmera focaliza as personagens, contracenando na história narrada do filme. As cenas apresentadas no trailer e também a música de fundo trazem um mistério, um suspense e o texto narrado, que compõe o sentido do trailer, provocando curiosidade no espectador para ver o filme. No Brasil, o filme *As Bruxas de Salém* (1996) estreou no cinema no dia 6 de janeiro, de 1997.

O filme *As Bruxas de Salém* (*The Crucible*) é uma produção norte-americana de 1996, da produtora *Fox Home Entertainment*, classificado como drama, com a duração de 124 min (2h 00min) e não é recomendado para menores de 12 anos. O filme é de longa-metragem, com imagem colorida e um orçamento de \$ 25.000,00.

O elenco² do filme é formado por: “Daniel Day-Lewis como John Proctor, Winona Ryder como Abigail Williams, Joan Allen como Elizabeth Proctor, Paul Scofield como Juiz Thomas Danforth, Bruce Davison como Reverendo Samuel Parris, Rob Campbel como Reverendo John Hale, Peter Vaughan como Giles Corey, Mary Pat Gleason como Martha Corey, Karron Graves como Mary Warren, Charlayne Woodard como Tituba, Jeffrey Jones como Thomas Putnam, Frances Conroy como Ann Putnam, Elizabeth Lawrence como Rebecca Nurse, George Gaynes como Juiz Samuel Sewal, Robert Breuler como Juiz John Hathome”.

Dirigido por Nicholas Hytner, o filme tem o enredo baseado na peça teatral escrita por Arthur Miller, que também escreveu o roteiro do filme. Arthur Miller (1915-2005), o autor do roteiro do filme, foi um conhecido dramaturgo norte-americano. A peça que deu origem ao filme *The Crucible*, que é uma metáfora ao macarthismo³, pois seu autor era comunista. Na peça *As Bruxas de Salém* (1996), Arthur Miller criticou, bravamente, seu país, com relação à perseguição que os Estados Unidos exerceram sobre os comunistas, durante o

² Elenco do filme: Disponível no site: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Bruzas_de_Salem_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Bruzas_de_Salem_(filme)) > Acesso em: 10 de junho 2016.

³ "Macarthismo - “movimento político anticomunista desencadeado nos EUA depois da II Guerra Mundial pelo senador republicano Joseph McCarthy”. Durou até o final dos anos 50 e caracterizou-se pela perseguição implacável a todos os comunistas e simpatizantes com base principalmente na delação”. (Enciclopédia Larrousse Cultural)

período macarthismo, momento em que ocorreram as caças às bruxas. Essa perseguição foi liderada pelo senador Joseph McCarthy. Em 1956, Arthur Miller foi denunciado e intimado, pelo Comitê Parlamentar da Atividade Antiamericana, para que delatasse os intelectuais que seriam seus parceiros comunistas, no entanto se recusou em denunciá-los. Miller, em 1957, foi declarado culpado por desobediência ao Congresso, por recusar-se a revelar os nomes dos membros de um círculo literário suspeito de pertencer ao Partido Comunista. A sua condenação foi anulada pelo *Tribunal Federal de Apelação*. Em 2005, morreu com 89 anos de idade, por uma insuficiência cardíaca crônica.

O diretor Nicholas Hytner dirigiu o filme *Bruxas de Salém* (1996), baseado na peça de Arthur Miller, retratando o acontecimento histórico do julgamento das Bruxas de Salém.

2.1 As Bruxas de Salém e o Ritual da Bruxaria

Os Estados Unidos eram formados pelas Treze Colônias inglesas, na América do Norte. A primeira cena do filme se inicia com a jovem Abigail Williams se levantando da cama, pela manhã, e logo se reúne com algumas jovens da vila, para irem à floresta, com uma escrava chamada Tituba. Na floresta, a escrava inicia um ritual de magia com as garotas, orientando-as a evocarem os nomes dos homens com quem elas desejavam se casar.

Nessa cena do filme, percebe-se que o diretor tem preocupação em mostrar, ao espectador, rituais da magia negra: sapo e ervas que são jogados no caldeirão, pelas garotas. A posição da câmera, de cima para baixo, permite uma ampla visibilidade dos símbolos desenhados no chão, em volta do caldeirão, durante o ritual. A escrava começa a cantar músicas da cultura africana, enquanto a jovem Abigail Williams inicia um ritual de magia negra: mata uma galinha e, bebendo seu sangue, evoca pela morte da mulher de John Proctor, homem a quem a jovem ama e deseja. Enquanto isso, as outras jovens começam a dançar e a tirar as vestes. A cena evidencia uma jovem nua, de costas, dançando em volta da fogueira, como em uma brincadeira, jogando um feitiço ou lançando um encantamento. Nesse momento, são surpreendidas pelo Reverendo Samuel Parris (Bruce Davison), o pastor da cidade de Salém, e se assustam demasiadamente quando o veem na floresta, pois viram-se descobertas praticando atos de bruxaria e com conduta imoral. A câmera, em posição horizontal, da esquerda para direita, filma a correria das jovens, fugindo da floresta

assustadas. Betty, filha do Reverendo Samuel Parris, que estava entre as garotas na floresta, cai paralisada no chão.

O filme evidencia, ainda, que Betty e Ruth (filhas de Thomas Putnam e Ann Putnam) ficaram desacordadas depois do ritual desenvolvido pelas jovens na floresta; o médico foi chamado para examiná-las, mas o exame físico não relatou nenhum tipo de doença. Seus pais acreditavam que elas estavam possuídas por demônios e, então, deram início aos rumores, entre a população de Salém, de que as meninas estavam em estado de possessão. Abigail ficou preocupada com o falatório e os rumores do povoado sobre bruxaria em Salém, como pode-se perceber no diálogo a seguir:

ABIGAIL – (no quarto de Betty, Abigail enfrente a janela) Tio acho que o senhor devia descer para falar com o povo.
 PARRIS – (de joelho ao lado de Betty) E o que vou dizer a eles? Que minha filha e minha sobrinha estavam dançando como pagãs na floresta?
 ABIGAIL – Dançamos sim. E manda me chicote-a se for preciso. Mas estão falando é de bruxaria. Betty não está enfeitiçada.
 PARRIS – Estavam conjurando espíritos na floresta. Eu quero saber a verdade?
 ABIGAIL – Nunca conjuramos espíritos.
 PARRIS – Escuta minha filha. Você deve saber, que a uma facção nessa igreja, que quer me afastar do povo.
 ABIGAIL- Eu sei disso, tio!
 PARRIS – E vão me destruir, se a minha própria casa se transformar num centro de uma doutrina obscena.
 PARRIS – Eu vi uma pessoa nua, correndo entre as árvores.
 ABIGAIL- Ninguém estava nua.
 PARRIS – (aflito, dá uma bofetada na cara de Abigail) Não minta para mim. Eu vi.
 ABIGAIL- Foi uma brincadeira.
 PARRIS – (irritado) E isso, é brincadeira? Ela não lembra mais⁴.
 Cena do filme As Bruxas de Salém, 1996, (39 min á 40min) 1min /seg.)

O filme representa período colonial inglês, em que a conduta moral da sociedade era ditada pela Religião Puritana, constituída por membros Ingleses, conhecidos como protestantes, que vieram para a Nova Inglaterra, na América do Norte, atual Estados Unidos da América, em busca de liberdade religiosa. O Reverendo Parris, preocupado com sua própria reputação e da sua família, pois se sente o responsável por zelar pela moral de Salém, mesmo sabendo do envolvimento das meninas nos rituais na floresta, fica preocupado com os rumores da população sobre a bruxaria.

⁴ Diálogo da cena do filme As Bruxas de Salém, 1996, (39 min á 40min) 1min /seg.), (AS BRUXAS, de Salém, 1996).

A notícia sobre bruxaria na cidade de Salém se espalha depressa entre o povo e, preocupado, Parris manda chamar o Reverendo John Hale, um especialista em bruxaria, para examinar as meninas. No salão do vilarejo de Salém, é reunida toda a população e as jovens, que também estavam no salão, vão correndo para casa de Betty, para acordá-la, como pode-se evidenciar no trecho a seguir:

ABIGAIL – Eu já contei para ele. Ele já sabe.

BETTY- Você bebeu sangue. Abby! Não contou isso a ele!

ABIGAIL – Betty! Nunca mais diga isso.

BETTY – Bebeu um encanto! Para matar, a mulher do Jonh Proctor!

BETTY – Bebeu uma poção! Para matar, a senhora Proctor.

ABIGAIL – (Abigail joga Betty na cama) Cala essa boca.

ABIGAIL –(ameaça as jovens no quarto de Betty) Agora! Escuta bem. Todas vocês. Nós dançamos sim, foi só isso. E, presta atenção! Se alguém disser uma palavra ou meia palavra sobre as outras coisas, eu vou aparecer para vocês, nas trevas de uma noite horrível, e vou levar comigo um castigo medonho que vai assustar vocês. E sabe que eu posso fazer isso. Eu vi os índios matarem meus queridos pais, no travesseiro ao lado do meu, e também, eu vi o assassinato no meio da noite. Vão se arrependerem até o dia que nascerão⁵. Cena do filme *As Bruxas de Salém*, 1996, (39 min á 40min) 1min /seg.)

A visita do Reverendo John Hale (Rob Campbel) preocupa a população, principalmente Giles Corey (Peter Vaughan), porque acha que sua esposa lia muitos livros. O mistério que envolve a cidade de Salém aflige a população que teme espíritos e demônios. Isso aflige a Ann Putnan, mãe de Ruth, que teve sete filhos mortos no parto, antes de dar à luz à Ruth. Devido ao alvoroço sobre a bruxaria entre a população, Giles Corey e Rebecca Nurse Jonh Proctor visitam a casa do Reverendo Samuel Parris. Enquanto isso, uma senhora considerada sábia no vilarejo, Rebecca Nurse (Elizabeth Lawrence), entra no quarto de Betty e percebe que ela está se fingindo de doente: a menina era uma farsante, nunca havia estado doente. Quando John sai da casa do Reverendo Parris, Abigail vai ao seu encontro e o assedia; no entanto, John Procto reprime o seu amor, dizendo ter sido um erro de ter mantido uma relação íntima com ela e acusa-a de ser responsável pelos rumores de bruxaria.

O reverendo John Hale (Rob Campbel) é um especialista em bruxaria, que revela, ao mundo, o universo invisível dos demônios. Ao chegar à cidade de Salém, examina as duas meninas, Betty e Ruth, já que a população acredita que estavam possuídas pelo diabo, uma vez que mesmo adormecidas, não podiam ouvir falar no nome de Deus. No quarto de Ruth, depois que Hale a examinou, interrogou as pessoas que ali se encontravam acerca de algo que

⁵ Diálogo da cena do filme *As Bruxas de Salém*, 1996, (39 min a 40min) 1min /seg.), (AS BRUXAS, de Salém, 1996).

indicaria o momento em que a possessão haveria começado. Diante do interrogatório, o Reverendo Parris se vê obrigado a contar o que aconteceu com as garotas na floresta, enfatizando que as mesmas dançavam em volta de um caldeirão. Quando Hale interroga Abigail, que também estava no quarto de Ruth, a garota afirmou que estava só dançando e não havia praticado nada que depusesse contra a moral de Salém.

Posteriormente, o Reverendo Hale reuniu as jovens que participaram do ritual na floresta, no salão em Salém, para interrogá-las e informá-las que Betty e Ruth poderiam morrer. As jovens se sentiram obrigadas a falar sobre o ritual na floresta, para escapar do castigo; no entanto, Abigail dizia-se inocente, acusando a escrava Tituba de ter dançado e praticado o ritual ao redor do caldeirão, na floresta. Em seguida, Hale e outros líderes foram atrás de Tituba para interrogá-la. Embora a escrava se declarasse inocente, foi obrigada pelos inquisidores, por meio de tortura e espancamento, a confessar ter um pacto com o diabo.

Então, a história de bruxaria em Salém alcança um patamar de histeria das jovens que participaram do ritual, na floresta. Tituba, para se livrar das acusações, começa a incriminar certas mulheres de bruxaria, por essa razão fica mal vista no povoado e, a partir de então, inicia-se o julgamento, no Tribunal, com chegada Juízes Samuel Sewall (George Gaynes) e Thomas Danforth (Paul Scofield) e do vice-governador de Boston. O tribunal foi formado pelas autoridades que chegaram de Boston e pelo juiz local John Hathorne (Robert Breuler).

A cena inicial do filme *As Bruxas de Salém (1996)* transpõe a imaginação do espectador acerca de como seria um ritual de magia negra, por meio de uma encenação de uma prática de um ritual de bruxaria. Por mais que a cena trate o ritual como uma brincadeira das jovens, leva o espectador a pensar como seria esse ritual se fosse realmente praticado por bruxas. No próximo tópico abordaremos, no filme *As Bruxas de Salém (1996)*, o processo do julgamento, no tribunal da Inquisição, das pessoas acusadas de bruxas.

2.2 O Julgamento no filme *As Bruxas de Salém (1996)*

O julgamento ocorreu em um processo de inquisição, em que as pessoas foram submetidas às torturas, para confessar algum delito referente à prática de bruxaria. O papel do Tribunal da Inquisição era o de comprovar o crime cometido pelo acusado, ou seja: o pacto que tinha com o demônio. Acerca dos julgamentos, Russell e Alexander (2008) falam das falhas nos julgamentos da inquisição, lembrando que:

Teria havido qualquer fundo de verdade nas acusações? As fontes para o julgamento são de extraordinária abundância, de modo que constituem um tipo de jurisprudência para se julgar a existência de bruxaria na América inglesa. O mais crédulo historiador moderno da bruxaria, Montague Summers, argumentou que a maioria dos acusados era inocente, mas que, segundo parece, algumas pessoas realmente participaram de um grupo secreto. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p.112 - p.113)

Montague Summers, um historiador que desenvolve estudos acerca de práticas de bruxaria, citado pelos autores Russell e Alexander (2008), argumentava que a escrava Tituba, confessou-se culpada (pela prática de magia e por ter convivido intimamente com o Diabo) depois de um interrogatório acompanhado de torturas. Montague Summers afirma que as provas inspiradas nas tradições da bruxaria inglesa, na colônia de Massachusetts, eram voltadas para:

As extravagâncias de um grupo de meninas tolas, nas circunstâncias sociais adequadas (ou inadequadas), aliadas a uma tradição intelectual de crenças em bruxas, mergulharam a colônia de Massachusetts numa tardia, mas severa manifestação da caça as bruxas. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p. 113).

O julgamento no Tribunal da Inquisição, no filme “As Bruxas de Salém”, teve uma característica comum com a História da América do Norte: através do julgamento Inquisitorial, muitas pessoas inocentes foram condenadas, julgadas e consideradas bruxas.

O filme enfatiza que o tribunal da Inquisição, na cidade de Salém, foi formado por autoridades de Boston, com a chegada dos juízes Samuel Sewall e Thomas Danforth, na carruagem transporte de locomoção da época. A escrava Tituba, Abigail e as jovens confessaram ter praticado magia negra, para escapar do julgamento; logo após, acusam Sarah Goode e Sarah Osbone de bruxaria. Dessa forma, quem confessasse ter contato com Diabo e ter praticado bruxaria estaria livre da condenação e do enforcamento. Sobre isso, Russell e Alexander (2008) afirmam que:

Os motivos de Tituba para confessar não são claros, mas sua declaração adicionou pânico e terror a uma situação já tensa. A ironia da situação é que sua confissão pode ter-lhe salvo a vida. Nenhuma das suspeitas que confessaram a prática de bruxaria foi enfocada, pois as meninas sempre apresentavam melhora após uma confissão, mas muitas das que negaram as acusações foram enfocadas, frequentemente em razão do agravamento dos sintomas durante as audiências do tribunal. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p. 108)

A partir deste pressuposto, na primeira cena do julgamento do filme *As Bruxas de Salém* (1996), a posição da câmera aberta, coloca o público participando do julgamento. Sara

Good confessou a bruxaria, pois o juiz John Hathome ressaltou que ela seria enforcada caso não confessasse. O juiz afirmou ainda que Sarah Osbone estava junto com Sarah Good quando o diabo estava falando com ela. No tribunal, Sarah Osbone e Sarah Good estavam vestidas como mendigas. Anteriormente ao julgamento, ambas eram parteiras: fizeram sete partos de Ann Putnam, em que morreram todos os recém nascidos, exceto Ruth.

Sarah Osbone nega ter visto o Diabo, criticando a acusação contra ela e debochando, por meio da dança, da cara dos juízes inquisitórios. Logo após, Sarah Osbone vai em direção às garotas e fala que elas estão mentindo, nessa hora Abigail e as jovens começam a simular comportamento estranho, como se estivessem possuídas por bruxaria, para convencer os juízes do tribunal que Osbone era uma das bruxas em Salém.

Na pequena cidade colonial, nem os velhos e nem as crianças estavam fora de suspeita de serem praticantes de bruxaria e magia negra. Ninguém estava a salvo das acusações: quem confessasse seria preso por um determinado tempo; quem não confessasse iria para a forca. De acordo com Godoy (2009), a pena de prisão se impõe especialmente aos hereges arrependidos:

Segundo, a insalubridade e a escuridão das masmorras serão proporcionadas de acordo com a gravidade do delito e a circunstância do preso. Terceiro, ficarão separados os homens das mulheres. Quarto, marido e mulher não podem ficar na mesma cela quando ambos tenham sido condenados, porém se um deles é inocente, à mulher, por exemplo, deve-se permitir que se comunique com o seu marido. Quinto, os presos não deverão ficar no mesmo calabouço, a menos que para isto os inquisidores tenham motivos especiais e esta medida também evita que os dois presos contraiam uma estreita amizade e meditem de comum acordo projetos para fugir, ocultar a verdade etc. Sexto, de quando em quando os inquisidores visitarão os presos e lhes perguntarão se estão lhes ministrando as coisas necessárias e se encontra bem ou mal. (GODOY, 2009, p.82)

O Tribunal da Inquisição punia e perseguia as pessoas por heresia: os suspeitos eram torturados para confessar sua culpa e, na maioria das vezes, a dor e o tormento fazia-os confessar. Os hereges eram pessoas consideradas pagãs, contrárias a fé e aos dogmas da Igreja Católica. Dessa forma, Zerner (2006) resalta que:

O triunfo da Inquisição passava pela assimilação. No direito, a definição do herege estabelecida pelos maiores juristas é a mais ampla possível. A glosa ordinária define como herético aquele que corrompe os sacramentos, aquele que se afasta da unidade da Igreja, todo excomungado, aquele que se engana nos comentários sobre a Escritura Sagrada, aquele que funda uma nova seita ou segue, aquele que compreende os artigos da fé de forma diversa da Igreja romana, aquele que fala mal dos sacramentos da Igreja. No imaginário dos perseguidores, os hereges, adoradores de Lúcifer, capazes de todas as infâmias, são definitivamente diabolizados. (ZERNER, 2006, p.516 e 517)

Os hereges eram considerados adoradores do diabo, que eram acusados por pessoas que não tinham provas: nesse momento, não eram necessárias provas, a acusação era o bastante. Acerca disso, Godoy (2009) nos lembra que:

Quando por voz pública chega aos ouvidos dos inquisidores que fulano ou sicrano disse ou fez alguma coisa contra a fé, o que faz com que o inquisidor cite testemunhas e lhes tome declarações acerca da má fama do acusado, perguntando-lhes se sabem que é herege e desde quando e quando foram feitas as declarações que tornaram a pessoa mal vista, sendo que a pessoa é citada pelo inquisidor para que esta dê conta da sua fé e se redima da má fé que tem. (GODOY, 2009, p.17 e 18)

Segundo Godoy (2009) “todos quantos invocam o demônio de qualquer um dos modos descritos estão sujeitos à jurisdição do Santo Ofício como hereges e devem ser castigados como tais, efetivamente toda invocação ao diabo” (GODOY, 2009, p.99).

Nesse sentido, Russell e Alexander (2008) dizem que “a Inquisição foi o mais poderoso agente na imposição de sanções legais contra os hereges e bruxas” (RUSSELL E ALEXANDER, 2008, p.76). Os hereges, de acordo com o autor, serviam ao diabo assim como as bruxas e não havia uma distinção entre a heresia e a bruxaria, para o processo da Inquisição. Assim, de acordo Russell e Alexander (2008) a ligação entre bruxaria e heresia:

Finalmente, os hereges eram acusados de crenças e práticas que, pela primeira vez, assemelhava-se àquelas alegadas para acossar as bruxas, no auge da perseguição. Fossem as acusações válidas ou não, as ideias essenciais da bruxaria histórica estavam agora reunidas pela primeira vez num julgamento por heresia. (RUSSELL & ALEXANDER, 2008, p.65 e 66)

A bruxaria e a heresia tiveram o mesmo tratamento no Santo Ofício da Inquisição: perseguição, acusação, condenação à fogueira e o enforcamento. O mesmo processo do Tribunal da Inquisição cabia tanto para as bruxas como para os hereges. Russell e Alexander (2008) afirmam que “a ligação entre bruxaria e heresia fomentou a ênfase sobre as mulheres. A relativa importância feminina na heresia e nos processos por heresia transferiu-se facilmente para bruxaria e para os julgamentos de bruxas” (RUSSELL E ALEXANDER, 2008, p. 120), no entanto, o maior número de julgamento era de mulheres.

Após dezenove execuções, a caça às bruxas em Salém chegou ao fim, pois os acusados se recusavam a se confessar como culpados. Pensando nisso, desenvolveremos o próximo item, tratando da bruxaria na Idade Moderna e das perseguições às bruxas.

2.3 Bruxaria na Idade Moderna

O filme “As Bruxas de Salém” (1996) surgiu a partir da peça teatral de Arthur Miller, que era considerado comunista. As bruxas, na peça, representam os comunistas, representando o modo como Miller e seus amigos foram perseguidos. Assim, a perseguição às bruxas representa o macarthismo. A era do macarthismo teve início com o senador Joseph McCartyano, nos anos 50, no Comitê de Atividade Antiamericanas, com o objetivo de perseguir os comunistas, fazendo-os confessar seus crimes através de tortura e tormentos – foi nessa fase que ocorreu a caça às bruxas, nos Estados Unidos. Russell e Alexander (2008) afirmam que foi na Idade Moderna, no século XVII que eclodiu a grande perseguição às bruxas, e outros aspectos também contribuíram para isso:

Ainda mais uma ideia equivocada, mas amplamente difundida, é a de que a bruxaria é fenômeno característico da Idade Média. Bem ao contrário, as acusações de bruxaria diabólica somente emergiram bem no final da Idade Média.

As grandes perseguições às bruxas ocorreram durante a Renascença, a Reforma e o século XVII. Afirmar de que as bruxas são mulheres velhas é igualmente uma distorção da verdade e um exagero leviano. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p. 10)

No final da Idade Média e começo da Idade Moderna, o mundo passava por transformações sociais e intelectuais, transformando a maneira de pensar da humanidade. Segundo Russell e Alexander, (2008) os “muitos dos intelectuais da Renascença e dos líderes da Reforma estavam entre os mais vigorosos defensores da crença em bruxaria diabólica” (RUSSELL E ALEXANDER, 2008, p.78).

Na Idade Média, as mulheres que usavam plantas e ervas para curar os doentes eram consideradas bruxas, pois suas práticas eram vistas como sobrenaturais. Além disso as mulheres consideradas desprezadas pela da sociedade, como as viúvas, as parteiras, as mendigas, ou aquelas que tinham um sinal no corpo (como uma pinta) poderiam ser consideradas bruxas. Dessa forma, Russell e Alexander (2008) ressaltam a marca das bruxas, que:

Uma outra prova era a marca da bruxa. Muito distinta da marca do Diabo, buscava-se no corpo da bruxa qualquer protuberância que pudesse ser considerada um mamilo adicional na qual, pressupunha-se, os demônios mamassem na forma de familiares. As bruxas eram despidas e minuciosamente esquadrihadas em busca de qualquer sinal de suas relações íntimas com o Diabo. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p.87)

Russell e Alexander (2008) nos falam que “a ideia popular de que a caça às bruxas foi um fenômeno medieval e fruto de um falso preconceito que vincula tudo o que é ruim ao clericalismo da chamada Idade das Trevas” (RUSSELL E ALEXANDER, 2008, p.78). Na Idade Média, tem-se a visão de uma época sombria e aterrorizante, conhecida como a Idade das Trevas; nesse período a religião predominava sobre qualquer outra crença. No entanto, de acordo com Russell e Alexander (2008):

A transformação foi, em grande medida, fruto da ação do pensamento sobre sociedade. A correlação social estabelecida entre bruxaria e mulheres é das mais acentuadas. Durante todo o período de caça as bruxas, o número de mulheres acusadas foi, aproximadamente, o dobro de homem. A própria fragilidade da posição social feminina, sobretudo viúvas e solteiras, tornava mais seguro acusar essas mulheres do que os homens, cuja força política, financeira, legal e até física deixava o acusador mais exposto a represálias. A maioria das sociedades dispensou às mulheres uma posição inferior. Uma vez associado esse gênero de crime à mulher solitária ninguém ficaria livre de suspeita nessa condição. (RUSSEL & ALEXANDER, 2008, p.120)

A caça às bruxas teve grande repercussão, pois a mulheres eram, na sua maioria, acusadas de bruxaria, alguns homens eram acusados também, mas em menor número. Muitas vezes, as pessoas eram acusadas por coisas bizarras, que as levaria até a morte. As mulheres, por serem consideradas frágeis, eram inferiorizadas em relação aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento da pesquisa, analisamos o filme *As Bruxas de Salém* (1996), observando, principalmente, como as bruxas são representadas no filme. Para tal, a princípio, fizemos uma discussão acerca da fonte cinematográfica e do filme histórico. Como organização metodológica, discutimos as relações entre História e Cinema. Essa discussão propôs tratar da importância do Cinema e da História. O cinema e o filme conseguem transpor uma representação dos acontecimentos, já que o filme histórico é uma representação do passado, construída no presente, visto que o cinema é um produto da indústria cinematográfica.

Neste trabalho interessava-nos perceber que o filme *As Bruxas de Salém* (1996) faz representações de situações voltadas para uma história invisível, relacionada ao comunismo. O filme é baseado na peça teatral de Arthur Miller, que retratava uma situação vivenciada durante sua inserção no comunismo, representada pela última caçada às bruxas..

Procura-se compreender como as bruxas são representadas no filme “As Bruxas de Salém” (1996), o que nos faz pensar em: quem é a bruxa no filme? Embora Abigail seja a mulher que acusa várias pessoas inocentes de bruxaria, as pessoas mais desfavoráveis e discriminadas são tratadas como bruxas no filme, e são essas que confessam os crimes de Bruxaria, para livrar-se do tormento e da tortura.

Diante disso, faz-se mister dizer que, no filme, as bruxas são vistas como pessoas ruins e maldosas, que criam uma atmosfera de medo e jogam feitiços nas outras pessoas. As imagens das bruxas são representadas de formas ridicularizadas, as bruxas são personagens do imaginário do homem.

Ao procurar compreender as representações das bruxas no filme, conclui-se que as contribuições dessa pesquisa são pertinentes aos objetivos propostos para esse estudo. A conclusão da pesquisa enfatiza que a fonte cinematográfica é uma fonte grandiosíssima para o pesquisador, embora saibamos que, no filme Histórico, os cineastas não têm compromisso com fato real, mas tentam apresentar uma versão para o acontecimento passado, representado no filme.

LISTA DE FONTE**FILME:**

AS BRUXAS de Salém. Direção: de Nicholas Hytner. Estados Unidos. Produção: Fox Home Entertainment, 1996. DVD (124min) completo dublado S/L: son., color. 492 Mb, DVD.

Título original: The Crucible

Gênero: Drama e História

Ano: 1996

País: Estados Unidos

Duração: 124 Min.

Censura: 12 anos

Produtora: Fox Home Entertainment

Direção: Nicholas Hytner

Elenco: Joan Allen, Daniel Day-Lewis, Winona Ryder, Bruce Davison, Jeffrey Jones, Paul Scofield, Frances Conroy, Charlayne Woodard.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Texto: imagem e som: um manual prático/** (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi. -7. ed. Pretrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GODOY, Affonso Celso. **Manual da Inquisição.** Curitiba: Juruá, 2009.
- HYTNER, Nicholas. Disponível no site:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicholas_Hytner> Acesso em 02 de novembro de 2016.
- KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico.* In: **Estudos Históricos.** Vol. 5, n.10. Rio de Janeiro: Universidade, 1992, p.01 a 13.
- MALEFICARUM, Malleus. **O Martelo das Bruxas.** Brasil: Verão, 2007
- MILLER, Arthur. Disponível no site:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Miller> Acesso em: 02 de novembro de 2016.
- NOVA, Cristiane. A História Diante dos Desafios Imagéticos. In: **Projeto História.** São Paulo: PUC/São Paulo, 2000, p.140 a 163.
- ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** Tradução Marcello Lino. -2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria.** São Paulo: Aleph, 2008.
- SINOPSE, do Filme. Disponível no site: <[http://www.adorocinema.com/filmes/filme-14516/201939/As Bruzas_de_Salem \(filme\)](http://www.adorocinema.com/filmes/filme-14516/201939/As_Bruzas_de_Salem_(filme))> Acesso em: 10 de junho 2016.
- VALIM, Alexandre Busko. *História e Cinema.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.283 a p.300.
- VANOYE, Francis; LÉTÉ, Anne Goliot. **Ensaio sobre a análise fílmica.** São Paulo: Campinas: Papyrus, 1994.
- WIKIPEDIA. **As Bruxas, de Salém.** Disponível no site: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/As Bruxas_de_Salem \(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Bruzas_de_Salem_(filme))> Acesso em: 10 de junho 2016.
- ZERNER, Monique. Heresia. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** Bauru-São Paulo: EDUSC, 2006, p.503 a 521.